
CRMemo
Centro de Referência em Memória da Educação na Bahia da UNEB
UNEB
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
SEMINÁRIO INTERNACIONAL
INTERCULTURAL
IDENTIDADES, SABERES E RESISTÊNCIA
DOS POVOS QUILOMBOLAS,
INDÍGENAS E CIGANOS.
08 DE OUTUBRO DE 2026 • DAS 8H ÀS 17H
Auditório Jurandir Oliveira, DEDC I – Campus I da UNEB

A VOZ DELAS

Mulheres Romani: memória, resistência e o direito de existir

Sandra Fabrícia Cândido | Outubro de 2026



Registro do Seminário Internacional Intercultural — Auditório Jurandir Oliveira, DEDC I, Campus I da UNEB, Salvador (BA), 8 de outubro de 2026, das 8h às 17h.

Ensaio histórico-crítico elaborado no contexto da mesa temática “A Voz Delas”, integrante do Seminário Internacional Intercultural – Identidades, Saberes e Resistência dos Povos Quilombolas, Indígenas e Ciganos/Romani.

Resumo

Este caderno examina as condições históricas e contemporâneas de visibilidade, participação e produção de conhecimento das mulheres dos

diversos grupos Romani. Discute a redução de identidades plurais a estereótipos, o papel da memória oral e dos arquivos, a especificidade da perseguição nazista e do genocídio dos Roma e Sinti e as exigências atuais de educação, autonomia e participação institucional. Sustenta que o reconhecimento intercultural depende de escuta qualificada, autoria e presença efetiva das mulheres Romani na definição das narrativas e políticas que lhes dizem respeito.

Palavras-chave: mulheres Romani; Roma e Sinti; antigitanismo; memória; educação; participação.

1. Diversidade e direito à autorrepresentação

A expressão “mulheres Romani” designa um universo plural de pertencimentos, trajetórias e condições sociais. Reúne mulheres de diferentes grupos, entre eles Rom e Sinti, cujas experiências variam conforme território, geração, língua, condição econômica, relações familiares e oportunidades educacionais. Uma análise responsável parte dessa heterogeneidade: não existe uma experiência feminina única, nem uma voz capaz de representar integralmente todas as comunidades.

A história pública dos povos Romani foi frequentemente construída por instituições, viajantes, agentes do Estado e representações artísticas que lhes eram externas. No caso das mulheres, imagens de exotismo e mistério conviveram com visões de marginalidade ou passividade. Em ambas, pessoas concretas foram substituídas por personagens. O problema não está apenas na falsidade de certos retratos, mas na assimetria entre quem descreve e quem pode contestar a descrição.

Reconhecer a autorrepresentação implica garantir às mulheres Romani o direito de formular suas próprias perguntas, expressar divergências e ocupar posições de autoria. O pertencimento cultural não elimina a individualidade; tampouco impede revisão, negociação e transformação de práticas sociais.

2. Memória, oralidade e documentação

Memórias familiares, línguas, narrativas e práticas de transmissão entre gerações constituem fontes relevantes para compreender continuidades e mudanças na vida Romani. Em muitas comunidades, mulheres desempenham papéis expressivos nessa transmissão; isso, entretanto, não deve convertê-las numa categoria fixa de “guardiãs da tradição”, excluindo sua ação intelectual, profissional e política.

Os arquivos oficiais são indispensáveis, mas registram apenas parte da experiência social. A ausência de um nome em documentação administrativa não comprova a ausência de atuação histórica. Para uma pesquisa crítica, testemunhos orais, acervos domésticos, fontes institucionais e registros públicos devem ser lidos de forma articulada, com atenção à proveniência, à contextualização e ao consentimento de quem compartilha sua história.

A pesquisa de memória necessita também enfrentar silêncios: aqueles produzidos pela violência, pela discriminação, pela perda de documentos e pelas condições desiguais de acesso aos meios de publicação. Escutar não significa presumir que toda pessoa deseje narrar experiências dolorosas; significa criar condições éticas para que possa decidir o que compartilhar e como será representada.

3. Mulheres Romani diante do genocídio e de seus legados

O genocídio dos povos Roma e Sinti sob o regime nazista e seus colaboradores integra de modo incontornável a história contemporânea Romani. Entre as práticas de perseguição estiveram deportações, trabalho forçado, encarceramento, assassinatos em massa e esterilizações compulsórias. Mulheres e meninas sofreram formas de violência relacionadas também ao gênero e à reprodução, inclusive intervenções médicas coercitivas. Esses crimes estão documentados por instituições de referência como o United States Holocaust Memorial Museum.

A memória desse genocídio — referido em diferentes contextos como Samudaripen ou Baro Mudaripen — não pode ser limitada a uma descrição dos mecanismos de extermínio. É necessário investigar trajetórias individuais, relações familiares e o longo processo de reconhecimento público das vítimas, evitando reduzir sobreviventes a números ou exemplos ilustrativos.

No contexto sul-americano, a pergunta sobre a circulação e a transmissão dessas memórias em famílias Roma e Sinti constitui uma agenda de investigação. Não se deve pressupor, sem evidência específica, que todas as famílias migrantes carreguem uma experiência direta do genocídio. A pesquisa deve distinguir lembranças testemunhais, memórias transmitidas e interpretações construídas pelas gerações posteriores.

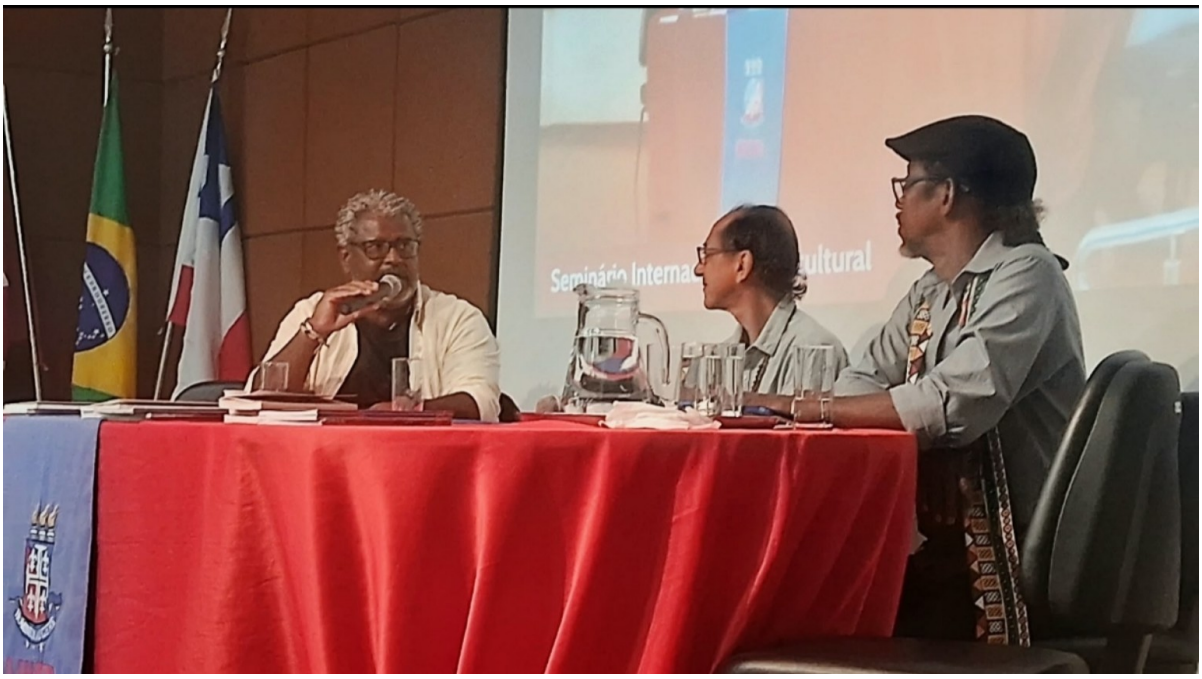
4. Antigitanismo e desigualdades entrecruzadas

O antigitanismo designa formas historicamente estruturadas de hostilidade e discriminação contra pessoas e comunidades identificadas como ciganas ou Romani. Seus efeitos podem aparecer em representações públicas, práticas institucionais e barreiras ao exercício de direitos. Para as mulheres, tais situações podem combinar-se com sexismo, desigualdades de classe, idade e território.

A Recomendação CM/Rec(2024)1 do Conselho da Europa reconhece que mulheres e meninas Roma e Traveller podem enfrentar discriminação interseccional e propõe medidas em áreas como educação, saúde, participação e proteção contra a violência. Trata-se de um instrumento europeu, não de um diagnóstico automático das condições brasileiras; ainda assim, oferece parâmetros úteis para discutir igualdade substantiva e desenho de políticas públicas.

Evitar generalizações é parte do combate ao preconceito. Há mulheres Romani com trajetórias acadêmicas e profissionais consolidadas, assim como mulheres que enfrentam barreiras severas de acesso. Políticas

públicas devem partir de escuta territorializada e dados responsáveis, e não de imagens homogêneas sobre comunidades inteiras.



Mesa de debates no Seminário Internacional Intercultural, Auditório Jurandir Oliveira, UNEB, Salvador.

5. Educação e produção de conhecimento

O diálogo intercultural exige mais que a presença de comunidades tradicionais como tema de investigação. Pressupõe participação na elaboração dos problemas de pesquisa, nos métodos de registro, na interpretação dos resultados e nas formas de circulação do conhecimento. Isso inclui condições concretas de ingresso e permanência nas instituições de ensino, reconhecimento de saberes não acadêmicos e oportunidades de autoria.

A contribuição de mulheres Romani à produção intelectual não precisa ser validada por uma imagem idealizada de tradição. Ela se expressa tanto na preservação da memória e das línguas quanto na atuação em pesquisa, educação, artes, administração pública e movimentos sociais. A universidade fortalece sua responsabilidade pública quando reconhece essas múltiplas formas de participação.

Em espaços que reúnem representantes indígenas, quilombolas e Romani, a interculturalidade ganha densidade quando respeita diferenças

históricas entre povos e evita equiparar suas experiências. A possibilidade de cooperação nasce precisamente do reconhecimento das especificidades e da defesa comum de direitos.



Atividade do seminário com apresentação de experiências pedagógicas e materiais expostos no auditório.

6. Participação, autonomia e futuro

A igualdade exige que mulheres Romani possam influenciar decisões relacionadas à educação, saúde, patrimônio, enfrentamento da violência, documentação e representação pública. Não se trata de solicitar que instituições “concedam voz”, mas de reconhecer a legitimidade de vozes já existentes e remover obstáculos à sua participação.

A autonomia compreende o direito de construir percursos próprios, preservar vínculos culturais e questionar expectativas sociais, sejam externas ou internas às comunidades. Meninas e jovens precisam encontrar oportunidades que não lhes exijam renunciar à identidade; mulheres adultas e idosas, por sua vez, precisam ver reconhecidos seus conhecimentos, escolhas e direitos.

A participação de mulheres Romani em eventos acadêmicos deve ser compreendida como parte desse processo mais amplo. A presença pública amplia os espaços de escuta, mas não substitui compromissos institucionais duradouros, agendas de pesquisa compartilhadas e medidas verificáveis de inclusão.

7. O seminário como espaço de diálogo

INFORMAÇÕES DO EVENTO

Instituição e local: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Auditório Jurandir Oliveira, DEDC I — Campus I, Salvador, Bahia.

Data e horário: 8 de outubro de 2026, das 8h às 17h.

Realização: Centro de Referência Memória da Educação da Bahia (CRMEMO/UNEB), Projeto Memória da Educação da Bahia (PROMEBA) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Parceria: Secretaria Municipal de Educação de Salvador.

O Seminário Internacional Intercultural — “Identidades, Saberes e Resistência dos Povos Quilombolas, Indígenas e Ciganos/Romani” foi realizado em 8 de outubro de 2026, das 8h às 17h, no Auditório Jurandir Oliveira, Departamento de Educação (DEDC I), Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Salvador, Bahia. O encontro reuniu pesquisadores, educadores e representantes de diferentes povos e comunidades para o debate de territorialidades, identidades, conhecimentos, história, cultura e resistência.

A programação da manhã contemplou a abertura e a exposição “Territorialidades Indígenas em Diálogos”, do Prof. Ms. Ademario Ribeiro Payayá, seguida de divulgação e sessão de autógrafos de suas obras. À tarde, foram previstas as mesas “História e Cultura dos Povos Ciganos/Romani”, com Maira Brum e Gilmara Araújo, e “A Voz Delas”, com participação de Sandra Cândido e mediação de pesquisadores do CRMEMO. Sandra Cândido participou remotamente, com transmissão projetada no auditório, conforme documentam as fotografias.



Participação remota de Sandra Cândido, exibida no auditório durante a programação do seminário.

Considerações finais

O reconhecimento das mulheres Romani requer deslocar a perspectiva que as transforma em objetos de descrição para uma relação baseada em autoria, escuta e participação. Sua diversidade não enfraquece uma agenda comum de direitos: impede que ela seja construída sobre identidades simplificadas. Memória e educação, nesse horizonte, não são práticas de celebração abstrata, mas instrumentos de pesquisa, responsabilização histórica e ação pública.

Preservar documentos, escutar narrativas e ampliar a presença de mulheres Romani nos espaços de decisão constituem tarefas inseparáveis. O compromisso intercultural começa quando as instituições reconhecem essas mulheres não apenas como parte do passado que se pretende estudar, mas como interlocutoras e produtoras de conhecimento no presente.

Referências

CONSELHO DA EUROPA. Recommendation CM/Rec(2024)1 of the Committee of Ministers to member States on equality of Roma and Traveller women and girls. Estrasburgo, 2024. https://rm.coe.int/recommendation-cm-rec-2024-1-on-the-equality-of-roma-and-traveller-wom/1680b21286

CONSELHO DA EUROPA. Gender Equality – Roma and Travellers. Portal institucional. https://www.coe.int/en/web/roma-and-travellers/gender-equality

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Genocide of European Roma (Gypsies), 1939–1945. Holocaust Encyclopedia. https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/genocide-of-european-roma-gypsies-1939-1945

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Forced Sterilization: A Form of Nazi Persecution. Holocaust Encyclopedia. Atualizado em 23 jan. 2026. https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/forced-sterilization-a-form-of-nazi-persecution

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Women during the Holocaust. Holocaust Encyclopedia. https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/women-during-the-holocaust

Créditos e identificação editorial

Cadernos de Memória — Urban Nomades Brasil | Texto: Sandra Fabrícia Cândido | Salvador, Bahia, 8 de outubro de 2026 | Registro documental de evento público. Fotografias: acervo de registros do seminário encaminhado para esta publicação; autoria individual não identificada. Reprodução mediante verificação dos direitos de uso das imagens.